



DESIGUALDADE DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE: AS MÃES UNIVERSITÁRIAS EM EVIDÊNCIA

Gláucia S. Barbosa¹, Renata V. L. Silva²

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais, glaucia.barbosa@uemg.br

² Universidade do Estado de Minas Gerais, renata.0295933@discente.uemg.br

Propósito

A diminuição da produtividade acadêmica entre mães estudantes e professoras é um fato. As questões da maternidade são invisibilizadas no ambiente universitário, sendo um reflexo da estrutura patriarcal da sociedade, que coloca a mulher na esfera do cuidado e desobriga os homens desse papel (Müller, 2018). As ações de apoio institucional para esse público são escassas. É preciso repensar esse cenário de modo a entender a maternidade como um direito, previsto na nossa constituição. Ademais, a maternidade é um, entre outros fatores, que torna mais lento e difícil o progresso na carreira científica contribuindo para a desigualdade de gênero na universidade (Machado et al, 2019). Assim, o objetivo dessa pesquisa é compreender a realidade das mães universitárias a partir das percepções das discentes e docentes da Faculdade de Educação da UEMG, com vistas para que se contribua com a implementação de políticas de apoio à maternidade.

Revisão da literatura

No arcabouço da sociedade brasileira prevaleceu por muitos anos a ideia de que trabalho e educação eram atividades voltadas para os homens, sendo designado às mulheres papéis estereotipados para áreas que de alguma forma se relacionassem as esferas emocionais, humanas, domésticas, afetivas, maternas (Garcia, 2015).

A conquista das mulheres em ocupar o ensino superior é recente. Atualmente, um dado conhecido entre os pesquisadores que se dedicam aos estudos sobre mulheres na ciência é que as mulheres são maioria na universidade (Abreu et al, 2016). Muitas delas são mães, mas ainda são poucas as pesquisas que quantifiquem esse número e analisam essa realidade. Segundo Abreu et al (2016), mesmo em maior número elas não estão na maioria dos cargos de poder

que, entre outras funções, decidem as políticas universitárias. Assim, mesmo numa esfera em que prevalece o quantitativo feminino, o ambiente universitário é patriarcal e o maternar continua invisibilizado.

Professoras e estudantes universitárias enfrentam uma série de dificuldades para cumprir suas tarefas produtivas após o nascimento de seus bebês dado o quadro de desigualdades estruturais. O estudo de Machado et al (2019), com mais de 2000 indivíduos, analisa a produtividade de pesquisadoras mães, em que foi avaliado impacto dos filhos na produção acadêmica, que pode durar até quatro anos após o nascimento dos filhos. Assim, é necessário que se invista em políticas de apoio às mães na universidade. Além disso, é preciso reconhecer que a maternidade está amparada pela nossa lei maior, a Constituição Federal, que em seu artigo 6º nos diz que é um direito social a proteção à maternidade e à infância.

A partir desse contexto pergunta-se: Qual é a realidade das mães universitárias da FaE/UEMG? Quais são seus maiores desafios no processo de conciliar estudo, trabalho e maternidade? Que ações poderiam ser implementadas para melhorar essa realidade? A intenção é mapear docentes e discentes mães desta universidade de modo a entender suas realidades e suas demandas e, a partir daí, apresentar dados resultantes desta pesquisa que servirão para reivindicar apoio e acolhimento da universidade às questões maternas.

Procedimentos metodológicos

Esta é uma investigação que se pauta na pesquisa qualitativa que busca o entendimento de fenômenos sociais construídos socialmente em uma dada situação, de forma a compreender as atitudes, valores e representações que compõem esse quadro (Bogdan & Biklen, 1994).

Em 2023 foram realizados estudos bibliográficos sobre: maternidade e ciência, estudos de gênero e maternidades plurais. Para isso foi organizado um grupo de estudos quinzenal.

Ainda em 2023, foi realizado um levantamento sobre as mães docentes e discentes da Faculdade de Educação da UEMG. Nessa fase foi elaborado um questionário online explorando diversas questões, tais como: perfil socioeconômico e étnico, quantidade de filhos e faixa etária, se apresentam filhos com deficiência, de que maneira a gravidez e os cuidados com o bebê afetaram/afetam a trajetória acadêmica, se estão em aleitamento materno, se possuem rede de apoio, se encontram suporte na universidade para o maternar e o produzir, sugestões de melhora

no ambiente universitário. A etapa em andamento se pauta na análise quali quantitativa do questionário a partir da análise de conteúdo e do uso do software estatístico *PaSt – Palaeontological Statistics*, tornando possível realizar os testes estatísticos que comprovam a diferença significativa entre as amostras analisadas.

Entre as mães que responderam ao questionário serão selecionadas três estudantes e três professoras para participar de uma entrevista aberta, considerando as vivências, experiências e trajetórias educacionais dessas mulheres mães. Tal fase está prevista para 2024.

Resultados

A pesquisa foi realizada com estudantes do Curso de Pedagogia - EP (124 participantes) e professoras universitárias - PU (37 participantes) da FaE/UEMG. Em relação ao perfil, temos: a) AUTODECLARAÇÃO ÉTNICO RACIAL – 59% das EP se declararam negras e entre as PU, 48% se declararam negras e 48% se declararam brancas; b) RENDA – 68% das EP recebem de 1 a 3 salários e 73% das PU recebem acima de 5 salários; c) SÃO MÃES - 51% das EP e 67% das PU. Em relação à produtividade das participantes, destaca-se que 19% das EP são beneficiadas com bolsas de estudos, sendo treze de ensino, oito de extensão e três de pesquisa. Entre as bolsas para PU, 32% recebem bolsa de pesquisa. Sobre a maternidade, foram sugeridas no questionário medidas de apoio para serem julgadas como relevantes: projetos que envolvam crianças, creche, sala de amamentação, fraldário, regime de estudos especiais, auxílio creche e licença maternidade. Predominou a opinião, entre todas as participantes, de que a implementação dessas medidas é extremamente relevante para a UEMG. Esses resultados indicam que esse público é sensível às questões relacionadas à maternidade e que esta deve ser uma importante pauta universitária.

Ressalta-se aqui parte da análise sobre as questões dissertativas. Ao responderem sobre como a maternidade afeta a vida universitária, a resposta mais frequente das estudantes é que a maior dificuldade é a gestão do tempo devido ao acúmulo de funções e aumento das responsabilidades em relação aos cuidados com os filhos: “*Hoje em dia não consigo mais me dedicar tanto a faculdade. Me refiro a leitura de textos e trabalhos, com a bebê, meu tempo é corrido e as responsabilidades são muitas. Acaba que a faculdade fica em segundo plano* (EP 30)”. Essa também é a questão de maior recorrência nas respostas das professoras. É

interessante perceber que outros elementos também aparecem com frequência nas respostas das professoras, tais como, adequação dos horários de trabalho com os dos filhos, protelação de atividades que gostariam de realizar, pressão pela produtividade acadêmica e exaustão: “Tenho que organizar meus horários de aula em função dos horários de aula do meu filho (PU 15)”; “As noites mal dormidas impactam na disposição e na memória (PU 23)”.

Podemos traçar uma relação direta das respostas sobre a gestão do tempo e daquelas que se referem a rede de apoio. As respondentes mães estudantes e professoras em sua maioria relatam que ficam com a maior parte dos cuidados com os filhos, mesmo quando dividem esse cuidado com o pai, outro responsável ou pagam alguém para isso. Assim, essas mães estão sobrecarregadas com os afazeres relacionados ao cuidado.

As famílias vivem cotidianamente cercadas de demandas relacionadas ao cuidado. A mãe ou outra mulher é quem acaba assumindo esse papel de cuidadora, estando constantemente sobrecarregada, principalmente quando não se tem rede de apoio. Outras atividades ajudam a somar volume nas responsabilidades diárias, como estudo, trabalho e tarefas domésticas, levando a exaustão (Biroli, 2018).

Diante desse contexto, a universidade precisa reconhecer a desigualdade de gênero. É urgente tornar a universidade acolhedora para essas mães, assim como pensar em políticas efetivas para esse público, garantindo sua permanência e qualidade de estudos/trabalho.

REFERÊNCIAS

- Abreu, Alice R. P. (Org.). (2016). *Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas internacionais*. In Abreu, A. R. P.; Oliveira, M. C F. A.; Vieira, J. M.; Marcondes, G. S. *Presença feminina em ciência e tecnologia*. (Vol. 1, 1 ed., pp.149-160). São Paulo: Boitempo.
- Biroli, F. (2018). *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. (Vol. 1, 1 ed., pp.1-227). São Paulo: Boitempo.
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: introdução à teoria e aos métodos*. (Vol. 1, 1 ed.). Porto: Editora Porto.
- Garcia, C. C. (2015). *Breve história do feminismo*. (Vol. 1, 1 ed., pp.1-118). São Paulo: Claridade.



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

Machado, L.; Silva, L. K. R.; Ricachenevsky, F. K.; Perlin, M.; Schwartz, I. V. D.; Neis, A. T.; Soletti, R. C.; Seixas, A.; Staniscuaski, F. (2019). *Parent in Science: the impact of parenthood on the scientific career in Brazil*. In 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering (GE). Disponível em: https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_f53ac6eee19f454193a3ae5ef84682f4.pdf

Müller, M. A. (2018). *O impacto da maternidade na academia. Uma análise multidisciplinar nos campos do Direito e das Políticas Públicas sobre as mães em universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências Jurídicas e Políticas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.